
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LETICIA LIMA PICCOLI

**RECREAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO
ESCOLAR: entre o lazer e a rotina escolar**



Rio Claro - SP
2024

LETICIA LIMA PICCOLI

RECREAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: entre o lazer e a rotina escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Joyce Mary Adam

Rio Claro - SP
2024

P591r Piccoli, Leticia Lima
Recreação infantil no contexto escolar : entre o lazer e a
rotina escolar / Leticia Lima Piccoli. -- Rio Claro, 2024
52 f. : il., fotos

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de
Biociências, Rio Claro
Orientadora: Joyce Mary Adam

1. Educação. 2. Lazer e educação. 3. Ambiente escolar. 4.
Áreas de recreação. 5. Escolas Áreas de recreação. I. Título.

LETICIA LIMA PICCOLI

RECREAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR: entre o lazer e a rotina escolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências, Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Joyce Mary Adam

Profa. Dra. Andréia Osti

Profa. Dra. Maria Antonia Ramos de Azevedo

Aprovado em: 11 de novembro de 2024

Documento assinado digitalmente
 LETICIA LIMA PICCOLI
Data: 26/11/2024 14:58:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do discente

Documento assinado digitalmente
 JOYCE MARY ADAM
Data: 26/11/2024 17:06:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, fonte de toda a minha força e que me sustentou nos momentos que achei que não suportaria.

À minha família, especialmente à minha mãe e ao meu irmão, que foram meu alicerce durante toda a minha trajetória. A vocês, dedico essa conquista, com todo o meu amor e gratidão.

Às minhas queridas amigas de curso, minha eterna gratidão a vocês, com quem compartilhei não apenas caronas e aulas, mas também momentos únicos que marcaram essa trajetória. Juntas enfrentamos desafios, dividimos dúvidas, celebramos conquistas e fortalecemos laços que transcendem a vida acadêmica. Agradeço de coração por cada conversa, por estarmos lado a lado nos momentos mais difíceis e também nos mais felizes.

Sou profundamente grata a cada professor que, com dedicação e sabedoria, desempenharam um papel fundamental na minha formação e me inspiraram a buscar sempre mais conhecimento.

Por fim, meus sinceros agradecimentos à Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), que me abriu portas para o que parecia distante e inacessível. Foi aqui que encontrei não apenas uma educação de qualidade, mas também a possibilidade de sonhar com um futuro melhor.

RESUMO

Este trabalho investiga a recreação infantil, explorando sua implementação no contexto escolar e executada dentro da rotina. A pesquisa aborda conceitos de lazer, atividades recreativas e rotina escolar, analisando quais as relações existentes entre a recreação e a infância, como essa prática se desenvolve na dimensão escolar e como é integrada na rotina da escola. Além da fundamentação teórica, apresenta experiências vividas que destacam o papel da recreação no turno integral e sua integração à rotina escolar. A análise da pesquisa demonstrou que a recreação na escola de período integral desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, mesmo que essa não seja a sua finalidade principal. Deve ser planejada com empatia, visando o bem-estar e a felicidade das crianças que passam grande parte do dia na escola, longe de seus familiares. Recriadores criativos podem transformar esse período em momentos de diversão, acolhimento e segurança, promovendo laços, conquistas e desafios positivos. Há, porém, uma visão funcionalista desse tempo extra na escola, que pode ser interpretada como uma forma de legitimar o sistema capitalista, ao transformar a recreação em mais uma etapa do processo de padronização. A recreação vai além de simplesmente preencher o tempo, ela é uma experiência vital que contribui para uma vivência escolar mais rica e satisfatória.

Palavras-chave: recreação; lazer; rotina escolar; escola.

ABSTRACT

This study investigates children's recreation, exploring its implementation in the school context and its integration into the daily routine. The research addresses concepts of leisure, recreational activities, and school routines, analyzing the relationships between recreation and childhood, how this practice develops within the school environment, and how it is incorporated into the school's schedule. In addition to the theoretical foundation, it presents lived experiences that highlight the role of recreation in full-time schooling and its integration into the school routine. The analysis of the research demonstrated that recreation in full-time schools plays a fundamental role in the cognitive, social, and emotional development of children, even though this is not its primary purpose. It should be planned with empathy, aiming at the well-being and happiness of the children who spend a significant part of the day at school, away from their families. Creative recreation leaders can transform this time into moments of fun, warmth, and security, fostering bonds, achievements, and positive challenges. However, there is a functionalist view of this extra time at school, which can be interpreted as a way to legitimize the capitalist system by turning recreation into yet another stage of the standardization process. Recreation goes beyond merely filling time, it is a vital experience that contributes to a richer and more fulfilling school life.

Keywords: recreation; leisure; school routine; school.

Title in english: CHILDREN'S RECREATION IN THE SCHOOL CONTEXT: between leisure and school routine

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 MEMORIAL.....	10
3 OBJETIVOS.....	13
3.1 Objetivo Geral.....	13
3.2 Objetivos Específicos.....	13
4 METODOLOGIA.....	14
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
5.1 A Recreação Infantil.....	15
5.2 O Lazer, a Recreação e a Escola.....	17
5.3 A Recreação Infantil no Ambiente Escolar.....	20
5.4 A Rotina Escolar.....	22
5.5 A Recreação na Escola Como Parte do Turno Inverso.....	27
6 DISCUSSÃO.....	30
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

A recreação infantil no contexto escolar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo, social, emocional e físico das crianças. Ela se baseia na ideia de preencher aquele tempo na escola brincando, integrando atividades lúdicas e educacionais para promover um ambiente positivo e enriquecedor. No entanto, há muito o que se discutir em torno deste tema.

O presente estudo tem como foco principal compreender a dimensão da recreação infantil no contexto escolar e como se revelam no dia a dia dentro da rotina na escola, em face aos pressupostos que se apresentam nos referenciais teóricos.

O lúdico é essencial para a humanidade, onde a brincadeira é algo inerente à criança, é sua forma de trabalhar, refletir e descobrir o mundo que a cerca. Ao se trabalhar ludicamente, oportuniza ao educador a compreensão do significado e da importância dessas atividades na educação infantil, permitindo um desenvolvimento global dos estudantes, ao conglomerar as capacidades cognitivas, físicas, sociais e psicológicas (Dallabona; Mendes, 2004).

Sendo assim, a ludicidade é uma ferramenta presente na recreação escolar, ao envolver atividades como brincadeiras, jogos e divertimentos. A palavra recreação vem do latim, *recreare*, cujo significado é recrear. Desse modo, as atividades recreativas têm em sua essência o lazer e a espontaneidade, com práticas criativas, de maneira despreocupada, objetificando a diminuição das tensões e preocupações, intencionado ao prazer (Brancher; Chenet; de Oliveira, 2011).

Ainda sobre as atividades recreativas inseridas no contexto escolar, é preciso compreender como a escola se executa. Sobre isso, Garcia (2010) menciona a rotina escolar, na qual, faz parte de seu segmento, onde, planejada para evitar as falhas, a escola aos poucos caminha para uma intensa sistematização e padronização, e que para facilitar o ensino, repartem-se os conhecimentos a serem estudados, criam-se blocos de tempos e espaços apartados para cada disciplina, todos devem passar pelas mesmas atividades, nos mesmos períodos, com a mesma atenção. A rotina precisa ser medida, cronometrada, o tempo deve ser regulado pela eficácia.

Nesse contexto, a compreensão do modo que a escola se executa, faz refletir sobre as atividades recreativas dentro desse cenário que se apresenta rígido e pouco flexível.

Uma vez que, a recreação e o lúdico apresentam-se como formas de atividades descontraídas, como essa prática que tem como essência a espontaneidade, tem sido objeto de interesse das escolas, que tentam articular a recreação como novas maneiras de trabalhar os conteúdos programáticos em seu segmento?

Portanto, esta pesquisa justifica-se pelo interesse de analisar a recreação infantil no contexto escolar, ao explorar sobre o assunto através da análise de relatos pessoais e experiências vividas. Me apresento em um memorial e compartilho minhas próprias experiências neste campo, fornecendo uma perspectiva prática e contextualizada. Analiso então, como a recreação se incorpora nos parâmetros escolares, quais as relações existentes entre a recreação e os objetivos da escola, como essa prática se desenvolve na dimensão escolar e como integrá-la na rotina escolar, visto à sua definição, como substantivo que indica algo que é próprio para os momentos livres, sem necessariamente ter objetivos pedagógicos ou estar alinhado ao funcionamento escolar dentro da rotina estabelecida.

2 MEMORIAL

A quem está lendo este trabalho, gostaria de apresentar brevemente um pedaço da minha vida e o caminho que me trouxe até aqui, escrevendo essas palavras. Minha jornada acadêmica e pessoal foi marcada por momentos de desafios e superação, mas também por descobertas que moldaram a pessoa que sou hoje. Motivada pela minha trajetória profissional decidi dedicar meu Trabalho de Conclusão de Curso ao estudo da recreação infantil na escola, visando contribuir com novas perspectivas e aprofundar o conhecimento na área.

Nasci em Rio Claro - SP, em 1996, e minha vida foi marcada por mudanças constantes entre diversas cidades, até que em 2013 retornei para Rio Claro. Concluí o ensino médio na Escola Marciano de Toledo Piza e, logo em seguida, ingressei no curso de Psicologia na Universidade Metodista de Piracicaba, onde estudei entre 2014 e 2018, sem concluir a formação.

Durante esse período, já estava inserida na área da educação. Em agosto de 2015, iniciei minha trajetória em uma escola do município de Rio Claro, com um contrato de 45 dias para cobrir as férias de um agente escolar. No entanto, após esse período, continuei na mesma escola, onde assumi o papel de agente educacional, auxiliando uma criança do Maternal 1 com deficiência auditiva. No ano seguinte, em 2016, passei a atuar de forma ainda mais ampla, auxiliando no período da manhã uma criança do Infantil 2 e, à tarde, duas crianças do 3º ano com laudo em dislexia. Em 2017, assumi o cargo de agente escolar, onde permaneci até o meio do ano de 2019.

No final de 2019, decidi morar em Campobasso, na Itália, em busca de novas oportunidades, mas acabei retornando ao Brasil sem o sucesso que esperava. No começo de 2020, com a chegada da pandemia, enfrentei um período turbulento na minha vida. Durante esse momento difícil, uma conversa com minha antiga chefe foi decisiva para meu retorno à escola onde trabalhava como agente escolar. Inspirado por suas palavras e apoio, decidi também seguir um novo caminho acadêmico, optando por cursar Pedagogia.

A partir do momento em que decidi me tornar pedagoga, meu olhar para as atividades que já realizava na escola passou por uma transformação. Foi então que comecei a reconhecer o meu potencial no ambiente educacional, percebendo que essa vocação já fazia parte de mim, mesmo que até então fosse algo desconhecido.

Durante o período de reclusão devido à pandemia, mergulhei nos estudos e decidi me inscrever no vestibular da Universidade Júlio de Mesquita – UNESP. Com muita felicidade, fui aprovada e, em 2021, iniciei minha jornada nessa maravilhosa instituição.

Em junho de 2021, concluí minha trajetória na escola municipal, encerrando um importante ciclo na minha vida. Logo depois, em agosto, iniciei uma nova etapa como estagiária em uma escola particular em Rio Claro, continuando minha jornada no campo educacional.

Em agosto de 2021, durante meu estágio, trabalhei no período da tarde acompanhando uma turma do período integral que fazia recreação no horário oposto às aulas regulares. A turma era composta por cerca de 15 alunos, com idades entre 7 e 8 anos, e era supervisionada por mim e por um professor formado em Educação Física.

Em 2022, comecei o ano contratada como recreadora nessa mesma escola. Na parte da manhã, trabalhei com uma turma de aproximadamente 25 crianças, com idades entre 6 e 10 anos. A turma da tarde seguia o mesmo padrão.

Durante o ano de 2022, as atividades que realizei como recreadora incluíam uma variedade de projetos e experiências voltados para o desenvolvimento dos alunos. Entre as atividades recreativas, os alunos participavam de atividades criativas, como desenho, pintura, colagem, dobradura e expressões artísticas. As atividades também integravam movimentos corporais, organizei jogos e dinâmicas que incentivavam o desenvolvimento motor e a coordenação, como corridas, jogos de equipe e circuitos de obstáculos. Também desenvolvi atividades que estimulavam diferentes sentidos, integrando a música de maneira significativa em várias dessas práticas. Utilizei experiências táteis com materiais variados e organizei jogos cognitivos, como jogos de memória, tabuleiros, quebra-cabeças, entre outros.

Todas essas atividades foram planejadas semanalmente e projetadas para que as crianças pudessem passar aquele período na escola brincando e tendo oportunidades para que explorassem e desenvolvessem suas habilidades de maneira lúdica e interativa.

Em 2023, a dinâmica da escola passou por algumas mudanças significativas com a contratação de novos professores para integrar a equipe de recreação. Com essas mudanças, passei a ser responsável por auxiliar os alunos nas tarefas de casa que realizavam na escola durante o período de recreação. Esse papel

envolveu apoiar os alunos em suas atividades acadêmicas e garantir que suas necessidades educacionais fossem atendidas enquanto estavam na escola.

Dessa forma, as turmas de recreação foram reorganizadas por anos (do 1º ao 5º), e a rotina passou a incluir períodos de 50 minutos dedicados à realização das lições de casa com cada grupo. Minha rotina de segunda a quinta-feira consistia em auxiliar os alunos em suas lições de casa para todas as turmas. Nas sextas-feiras, quando não havia lição de casa, minha função era auxiliar os professores recreadores que precisavam de apoio.

Nesse período, iniciei os estágios obrigatórios da graduação. Portanto, com uma rotina estruturada, organizei os horários da recreação que conciliasse com o horário dos estágios. No primeiro semestre de 2023, realizei 150 horas de estágio obrigatório na Escola Antônio Maria Marrote com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental e, no segundo semestre, realizei o estágio de 150 horas na gestão da Escola Municipal Jardim das Palmeiras - CAIC.

Em 2024, iniciei o ano com as mesmas atribuições do ano anterior, realizando as lições de casa com as turmas da recreação do 1º ao 5º ano, porém só no período da tarde. No período da manhã, realizei o estágio obrigatório de 150 horas na Educação Infantil da Escola Municipal Prof. Sebastião Ambrózio e também na Escola Municipal Benjamin Ferreira.

Logo depois, me inscrevi no concurso público - edital 03/2023 de Rio Claro - SP, para o cargo de agente escolar. No dia 2 de maio de 2024, fui convocada para a nomeação do cargo e atualmente estou trabalhando nessa função na Escola Municipal Prof. Aldo Zottarelli Junior.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Compreender e analisar a essência e a prática da recreação e o contexto de expansão de suas atividades integradas à forma como a escola se organiza, investigar a sua fundamentação no âmbito da instituição escolar e seus objetivos de sua inserção, buscando problematizar essa prática ao ser incorporada com o funcionamento da rotina na escola.

3.2 Objetivos Específicos

- Investigar através dos referenciais teóricos sobre a recreação infantil;
- Compreender a organização da rotina escolar por meio de referenciais teóricos;
- Analisar a inserção da recreação no contexto da escola e como se desenvolve no segmento da rotina escolar;
- Refletir através da análise de experiências pessoais, sobre situações vivenciadas na recreação infantil em uma escola particular do município de Rio Claro - SP. Busco documentar e analisar minhas próprias experiências neste campo, fornecendo uma visão subjetiva que enriqueçam a compreensão do tema;
- Analisar possíveis convergências e divergências entre as perspectivas bibliográficas utilizadas na pesquisa sobre a recreação escolar e as vivências dos relatos pessoais.

4 METODOLOGIA

Para discutir sobre a recreação infantil no contexto escolar, foram analisados referenciais teóricos que fundamentam como a recreação se relaciona na escola e seu objetivo. Visto que, na prática educativa, a rotina é usada como ponto central da programação educacional e a recreação infantil indica algo que é próprio para os momentos livres.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, pois de acordo com Minayo e Sanches (1993), a metodologia procura enfocar, principalmente, o social como um mundo de significados passível de investigação, necessária para abarcar a realidade observada e, a linguagem comum ou a “fala” como a matéria-prima desta abordagem, a ser contrastada com a prática dos sujeitos sociais.

Ao adotar essa metodologia, permite-se a análise aprofundada das experiências pessoais relacionadas ao tema. Como pesquisadora e participante envolvida neste estudo, minha própria experiência no assunto será uma fonte primária de dados.

Para o desenvolvimento da discussão da pesquisa, utilizou-se o método indutivo, no qual serviu de parâmetro para a análise de uma reflexão sucinta, a partir de relatos de experiência em uma escola particular da cidade Rio Claro - SP. Neste método, segundo Gil (2008), o conhecimento é fundamentado exclusivamente na experiência, partindo da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer.

O delineamento da pesquisa foi bibliográfico, o que envolve a análise de referenciais teóricos. Ao utilizar essas bases numa pesquisa prévia, foi verificado sua eficácia na obtenção de resultados relevantes para a pesquisa. A escolha de trabalhar com literaturas nas bases de dados selecionadas, se deu pela qualidade dos dados, a validade das fontes, a representatividade da amostra, e análises relevantes e adequadas para responder às perguntas da pesquisa em questão.

Quanto à análise, foram interpretados à luz das literaturas, buscando compreender e refletir sobre a incorporação da recreação no contexto escolar articulando com as reflexões críticas sobre as conexões entre as experiências na função de recreadora e teorias existentes.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1 A Recreação Infantil

A recreação infantil desempenha um papel vital no desenvolvimento integral das crianças, oferecendo um espaço onde elas podem explorar, criar e interagir de forma lúdica. O que será explorado neste trabalho é a recreação indo muito além do simples entretenimento, destacando-se como uma ferramenta crucial para o crescimento saudável das crianças.

Com um olhar sobre isso, Pereira (2011) traz um rico material que envolve as características infantis e a sua importância na infância, envolvendo a recreação como elemento essencial.

Sobre a característica “ativa”, o autor estabelece que não se deve confinar as crianças em espaços, esse direito de explorar o espaço e se movimentar ao expressar o seu corpo, é essencial para o seu desenvolvimento pleno. Ao respeitar essa característica infantil, o autor sugere que, as práticas de recreação, independente do espaço, aberto ou fechado, com ou sem objetos, não devem bloquear a linguagem corporal da criança. Pois, bloquear o corpo, segundo o autor, significa bloquear ideias, pensamentos e imaginação.

Quanto à característica “pensamento simbólico”, Pereira (2011) discorre sobre a capacidade do ser humano de representar e criar o pensamento, porém, sendo pouco desenvolvido, num mundo ansioso e imediatista. Sobre simbolizar, o autor aponta a importância da recreação, ao favorecer atividades que envolvem a imaginação, o descobrimento e a criação, auxiliando a criança no seu desenvolvimento no processo de construção mental.

A autenticidade da criança faz parte da característica “espontânea”, onde o autor descreve como o aspecto lúdico da recreação favorece essa espontaneidade, e respeitar isso, significa respeitar a liberdade de expressão, de pensamento e ação. Dessa forma, o autor sugere oportunizar momentos onde as crianças possam manifestar o seu pensamento intuitivo nas atividades recreativas.

Outra característica que Pereira (2011) expõe é a “egocêntrica”, apresentando-se como uma fase que faz parte da infância, onde o ser egocêntrico tem dificuldade de dividir. Nesse ponto, a recreação se apresenta importante por possibilitar o desenvolvimento da identidade, da independência e da autonomia. Ao

participar de atividades recreativas em grupo, a criança pode desenvolver a capacidade de se descentralizar, promovendo a construção de sua identidade e a compreensão da importância da convivência social.

Em continuidade a sua pesquisa, a condição “curiosa” se apresenta como outra característica apresentada, na exploração do mundo e em suas relações, a criança tem a oportunidade de descobrir o novo e, com a recreação, a diversidade de objetos, pessoas e espaços, contempla-se a sua curiosidade e instiga a sua criação.

Sobre o corpo, segundo Pereira (2011), as atividades recreativas oportunizam o seu conhecimento e possibilidades. É necessário conhecer o corpo, é ele que interage com o mundo e provoca a construção e transformação. Na recreação, há o envolvimento com o corpo, com ele todo ou segmentado, segundo o autor, analisando as funções de cada segmento nas atividades, amplia-se a consciência corporal.

Quanto ao movimento, parte de um olhar para além da ação mecânica. Uma vez que, o movimento humano pode ser algo pensado, algo consciente. Diante disso, segundo o autor, as atividades recreativas poderão ganhar uma qualidade maior, se pensadas como a oportunidade de ter consciência da ação, com movimentos intencionais, dando mais significado a uma brincadeira.

No período sensório-motor da criança, apresentado por Pereira (2011), é onde está a gênese do conhecimento, através do descobrimento do mundo por meio dos cinco sentidos. Nesses primeiros anos de vida, para o autor, o recrear se torna tão importante por proporcionar a exploração através do corpo. Nessa fase inicial da vida, marcada por grandes descobertas e experimentações, o pensamento da criança se manifesta através da linguagem corporal. Assim, a recreação deve dispor de objetos com a diversidade de cores, tamanhos e texturas, proporcionando o relacionamento da criança com estes, utilizando a exploração do seu sensório-motor.

Considerando que, segundo Pereira (2011), o período do sensório-motor abrange o pensamento através da linguagem corporal, o autor apresenta o período das representações mentais, entre 2 a 5 anos. Neste período, o pensamento da criança se estrutura e se qualifica simbolicamente, condicionando à imaginação, fantasia e o faz de conta do sonho, do desejo e da brincadeira simbólica. Neste momento, a recreação tem um caráter mais significativo, com o pensamento

estruturado, as atividades permitem a representação criativa destes, nas diversas linguagens, corporal, oral, gráfica e artística. Dessa forma, o recrear se amplia, possibilitando brincar de corpo todo, em diversos espaços, com materiais diferentes.

5.2 O Lazer, a Recreação e a Escola

Nos escritos de Cavallari e Zacharias (2018), os autores diferenciam as ideias de lazer e recreação, afirmando que o lazer ocorre durante o tempo livre, ou seja, o tempo que sobra entre o trabalho e as necessidades básicas da vida. Durante esse tempo, a pessoa se encontra em uma situação voltada para o lúdico, se envolvendo em atividades que proporcionam diversão, entretenimento, alegria e ajudam a passar o tempo. Além disso, os autores destacam que esse estado de espírito é espontâneo e, portanto, não pode ser forçado, apenas talvez estimulado.

Nesse parâmetro, segundo os autores, o conceito de recreação surge quando a pessoa transforma o desejo de lazer em realidade, ou seja, quando passa a vivenciá-lo. Dessa forma, a recreação é entendida como o momento em que esse anseio se concretiza, e não como a atividade em si. Para os autores, a recreação é, portanto, uma circunstância, uma atitude.

Dando continuidade aos seus pensamentos, referem-se à atividade que a pessoa realiza para alcançar a recreação como atividade lúdica ou recreativa, estabelecendo, assim, uma distinção entre recreação e atividade recreativa. Além disso, ressaltam que nem tudo o que se faz no tempo livre pode ser considerado lazer, pois falta o elemento lúdico.

Diante dessa visão, a recreação é o ato, o instante, ou a situação que a pessoa escolhe de forma espontânea e deliberada para atender (satisfazer) seus desejos relacionados ao lazer. Já o lazer, é um estado de espírito que o ser humano assume instintivamente durante seu tempo livre, buscando experiências lúdicas, como diversão, alegria e entretenimento. Outros conceitos importantes a serem destacados são o ócio e a ociosidade. O ócio é entendido como "não fazer nada" de forma lúdica, positiva e opcional, podendo até ser uma escolha de lazer. Em contraste, a ociosidade é vista como "não fazer nada" de maneira negativa e compulsória, quando a pessoa preferiria estar envolvida em alguma atividade, mas é impedida de fazê-lo (Cavallari e Zacharias, 2018).

Os autores ainda identificam as características fundamentais da recreação, destacando que é uma atividade realizada como um fim em si mesma, sem expectativas de benefícios ou resultados específicos, e marcada por um completo descompromisso, sem a busca por qualquer tipo de retorno. A recreação deve ser escolhida livremente e praticada espontaneamente, conforme os interesses individuais, incluindo a liberdade de optar por não participar naquele momento. A prática da recreação visa induzir estados psicológicos positivos, associados ao prazer e à busca por ele, e promove o desenvolvimento da criatividade, enriquecendo a personalidade. Por fim, para Cavallari e Zacharias (2018), a recreação em grupo é selecionada com base nos interesses comuns dos participantes.

Aprofundando o assunto na escola, nos escritos de Takatsu (2015), a autora explora "Os Quatro Pilares da Educação", destacando as contribuições do economista Jacques Delors sobre o conceito de educação. Os pilares, conforme descritos, são essenciais para o desenvolvimento integral do indivíduo: aprender a conhecer, valoriza a curiosidade e o prazer na busca pelo conhecimento por meio da exploração; aprender a fazer, vai além do ensino formal, destacando a importância de habilidades práticas e colaborativas no mercado de trabalho; aprender a conviver, se expressa na importância da convivência harmoniosa, da resolução de conflitos e da valorização do outro em uma sociedade cada vez mais individualista; por fim, aprender a ser, envolve o desenvolvimento ético, a responsabilidade, a sensibilidade e a autonomia pessoal, sendo um fundamento essencial para as demais aprendizagens.

Ao refletir sobre os pilares da educação e a abordagem tradicional de ensino-aprendizagem, segundo Takatsu (2015), fica evidente que a forma tradicional muitas vezes negligencia o desenvolvimento das competências essenciais que parte de promover o conhecimento. A autora enfatiza como o modelo conteudista, que privilegia a quantidade sobre a qualidade do aprendizado, desconsidera aspectos fundamentais do crescimento humano como, o aprender a ser, a conviver, a fazer e a conhecer.

Nesse modo, a autora denuncia uma visão holística da educação, onde o desenvolvimento integral do indivíduo não pode ser separado do conteúdo ensinado. Diante desse contexto, o lazer e o lúdico têm um papel central. O lazer, ao promover o prazer, a criatividade e a exploração, permite que o aprendizado ocorra de maneira

mais natural e significativa. Ele facilita a internalização do conhecimento, não como uma mera absorção de informações, mas como uma descoberta ativa e prazerosa. E, quanto ao ensino lúdico, por envolver os alunos em atividades que despertam a curiosidade e a diversão, desenvolvendo não apenas conhecimentos teóricos, mas também habilidades práticas e sociais, além de uma maior autocompreensão. Essas experiências enriquecem a aprendizagem, tornando-a mais relevante e duradoura. Assim, o lazer e o lúdico devem ser vistos como elementos essenciais para uma educação que verdadeiramente prepare o indivíduo para a vida em toda a sua complexidade (Takatsu, 2015).

Visto que Takatsu (2015) apresenta uma visão diferente de Cavallari e Zacharias (2018) sobre lazer e recreação. Para a autora, a palavra lazer é frequentemente usada para se referir ao tempo disponível de uma pessoa, quando não há a exigência de cumprir tarefas obrigatórias, e o indivíduo tem a liberdade de organizar seu tempo conforme preferir. Desse modo, o lazer também está associado à diversão e ao entretenimento, sendo comum a prática de atividades recreativas, como esportes, brincadeiras ou jogos.

Já ao abordar o tema Lazer e Educação, Marcellino (1987) destaca a polêmica e os mal-entendidos que surgem, muitas vezes pela falta de consenso sobre o significado das palavras. No âmbito teórico, o autor aponta que o lazer se concentra em conteúdos culturais, como atividades artísticas ou práticas físicas, ou quando se consideram componentes de obrigação, como relações familiares, trabalho escolar e profissional, a análise se modifica. Por outro lado, quanto ao nível do senso comum, o autor verificou relações com o divertimento e o descanso.

Em seus escritos, o autor aponta que a partir da década de 1970 houve uma incorporação do termo 'lazer' no âmbito da administração pública, sendo utilizado para denominar departamentos responsáveis por serviços públicos relacionados à cultura, esporte e recreação. Essa associação, contudo, revela uma compreensão restrita e parcial do conceito de lazer, uma vez que limita o termo a setores específicos e carece de uma fundamentação teórica mais ampla. A falta de produção científica na área contribuiu para essa visão limitada, que não contempla a diversidade de significados e práticas associadas ao lazer.

Diante disso, apresentando mais uma definição de lazer, Marcellino (1987) expõe como uma relação subjetiva entre o indivíduo e uma experiência, caracterizada pela satisfação. Essa perspectiva amplia o conceito, permitindo que

qualquer atividade, inclusive o trabalho, seja considerada lazer quando proporciona prazer. No entanto, o autor reconhece que a obrigação pode comprometer essa experiência. Ao aprofundar a discussão, acrescenta que o lazer também envolve a liberdade de escolha, a disponibilidade de tempo livre e a possibilidade de desenvolver suas capacidades físicas, mentais e sociais. Dessa forma, o lazer é compreendido como um momento que envolve ocupações de livre escolha do indivíduo, de espaço de tempo não comprometido, no qual propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social.

O autor critica uma visão limitada e instrumental do lazer, discordando da ideia de que serve apenas para aliviar o estresse e as tensões do dia a dia, argumentando que essa visão simplificada ignora a complexidade do conceito e suas possíveis implicações sociais. A visão funcionalista do lazer, segundo o autor, contrapõe o lazer ao ócio, como se um fosse o oposto do outro. Essa oposição, na visão do autor, é problemática, pois impede uma compreensão mais profunda. Dessa forma, Marcellino (1987) defende que o lazer deve proporcionar um espaço para a reflexão, para o encontro consigo mesmo e com a realidade social.

Portanto, é interessante refletir o lazer como parte da recreação na escola. Uma vez que Marcellino (1987) apresenta-o como mais do que um simples escape, ele pode ser um momento de reflexão, de questionamento e de transformação. Porém, há uma visão funcionalista do lazer que pode ser vista como uma forma de legitimar o sistema capitalista, ao transformar o tempo livre em mais uma oportunidade de consumo. Segundo o autor, ao reduzir o lazer a uma função específica, aliviar o estresse, essa visão ignora suas potencialidades mais amplas como uma experiência complexa que envolve aspectos sociais, culturais e políticos.

5.3 A Recreação Infantil no Ambiente Escolar

Dando continuidade às reflexões apresentadas no capítulo anterior, este capítulo foi elaborado para aprofundar a discussão sobre a inserção da recreação no ambiente escolar e suas implicações. O objetivo é enfatizar a importância dessa prática no desenvolvimento das crianças e como ela contribui para uma experiência educativa mais completa e enriquecedora.

A recreação na escola é, possivelmente, uma das práticas recreativas mais antigas. Contudo, ela tem evoluído continuamente no ambiente escolar, começando

com atividades promovidas por professores de sala regular e de educação física, e se expandindo para formatos mais abrangentes, muitas vezes ocorrendo até fora do horário de aula (Cavallari; Zacarias, 2018).

Takatsu (2015) discute a visão histórica da educação, mencionando que filósofos como Sócrates, Aristóteles, Sêneca e Tomás de Aquino já reconheciam, desde os tempos antigos, os jogos como atividades recreativas importantes. Naquela época, os jogos eram vistos principalmente como uma forma de relaxamento necessário após atividades que exigiam esforço físico, intelectual ou escolar. No entanto, essa percepção mudou com o passar do tempo, e foi durante o Renascimento, quando a razão começou a prevalecer sobre a fé, que houve uma mudança na compreensão das atividades recreativas. No qual, os jogos passaram a ser vistos como momentos produtivos e mentalmente ativos. Com o aumento do interesse em observar e estudar o brincar, foi revelada a importância crucial dessas atividades para o desenvolvimento infantil.

Nesse momento do Renascimento, que o lúdico passou a ser considerado importante na infância, também, a visão da criança passou a ser dotada de valores positivos, com uma natureza intrinsecamente boa, que se expressa de forma espontânea por meio do jogo. A partir desse período, jogos e brincadeiras começaram a ser valorizados como atividades livres que estimulavam o desenvolvimento da inteligência e auxiliavam no aprendizado, sendo, por isso, incorporados como ferramentas educativas no ensino de conteúdos escolares (Takatsu, 2015).

Assim, a autora denota que o significado do jogo foi redefinido para se tornar, como é hoje, um meio de expressão das qualidades espontâneas e naturais da criança, funcionando como uma forma de recreação.

Sendo assim, Cavallari (2011) complementa que os jogos e atividades motoras ajudam no equilíbrio, comunicação e cooperação entre as crianças. Através do jogo, a criança compreende o significado de suas ações, desenvolvendo sua vontade e consciência. As regras rígidas dos jogos exigem atenção e autorregulação, preparando a criança para a transição do jogo para o trabalho.

Evidenciando a importância do jogo e da interação social no processo de desenvolvimento infantil, Cavallari (2011) revela que a atitude do educador é fundamental na formação das relações dentro de um grupo de crianças. Quando

este valoriza a relação interpessoal e estimula a autonomia e a criatividade, contribui fundamental na construção do conhecimento.

Dessa forma, a autora afirma que a principal contribuição do professor é criar um ambiente que incentive as tentativas da criança, evitando fornecer respostas prontas e estimulando a criatividade e invenção. Atividades lúdicas são essenciais para facilitar a aprendizagem, promovendo a comunicação e superando barreiras como a inibição e atrasos de linguagem.

Além disso, Cavallari (2011) complementa que o uso de jogos e atividades lúdicas pelo professor viabiliza o trabalho interdisciplinar, integrando diferentes áreas do conhecimento em uma única brincadeira. A brincadeira, portanto, é um momento crucial de interação com o mundo, onde a criança aprende por meio das relações estabelecidas.

Porém, Pereira (2011), no segundo capítulo de "Recreação em ação", já chamava a atenção para a falta de espaços para brincadeiras livres nas escolas. Segundo o autor, é raro encontrar crianças brincando descalças, sem camisa e se sujando de terra. Para o autor, as escolas têm priorizado rotinas rígidas, onde o imprevisto pouco acontece.

É importante salientar que, independente de como a recreação acontece na escola, são atividades onde a participação deve ser livre e espontânea, respeitando a escolha da criança no seu tempo livre (Cavallari; Zacarias, 2018).

Nesse contexto, torna-se essencial discutir a rotina escolar para compreender o funcionamento da escola e discutir o papel que a recreação desempenha nesse ambiente. A recreação, longe de ser apenas um momento de descanso, se revela uma parte fundamental do processo educacional, complementando o aprendizado.

5.4 A Rotina Escolar

A rotina escolar é um componente central que estrutura a escola no seu dia a dia. A rotina abrange toda a organização do tempo e das tarefas dentro da escola em seu cotidiano, ajuda a estabelecer hábitos, disciplina e autonomia. "Todo modo de existência humana ou de existir no mundo possui sua própria cotidianidade" (Kosik, 1995, p. 79).

Kosik (1995) reflete sobre a importância e a complexidade da vida cotidiana. Para o autor, a vida cotidiana apresenta-se como uma organização constante,

marcada pela repetição das ações diárias e pela forma como o tempo é dividido. No entanto, essa repetição não deve ser vista apenas como algo banal ou sem importância. A vida diária possui sua própria sabedoria, experiências e previsões, e inclui tanto a rotina quanto às exceções, e momentos fora do comum. Assim, a vida cotidiana é, na verdade, um elemento essencial e significativo da experiência humana, que contribui para a construção da história individual de cada pessoa.

A escola, como parte da vida e inserida no sistema da sociedade, também possui sua cotidianidade, com seu próprio sistema e cultura, que revelam suas especificidades no dia a dia.

Escolhas, são as escolhas que o professor faz na sala de aula que organiza o cotidiano escolar. A forma de organizar as turmas, a rotina da sala de aula, a distribuição do tempo numa jornada, os recursos didáticos adotados, os espaços escolares onde serão desenvolvidas as práticas pedagógicas e tudo o que se envolve na jornada diária em sala de aula.

Segundo Ferreira e Albuquerque (2012), para entender a razão de organizar o trabalho pedagógico é preciso entender a escola como um espaço de formação de pessoas que são construídos por uma variedade de atores, como professores, estudantes, famílias e a comunidade em geral. Esses atores pensam e agem no cotidiano formando uma rede de relações, colaboram para criar um ambiente com uma cultura própria e repleta de significados. No dia a dia, essas interações formam uma rede complexa de relações, onde cada um contribui para a construção de uma cultura específica que não é explícita, porque vai além das formas convencionais de organização. Essa cultura escolar reflete não apenas o currículo formal, mas também as práticas, tradições e normas que emergem das interações cotidianas, tornando única cada escola e seu funcionamento.

Sobre esse processo de construção da cultura escolar, segundo as autoras, é influenciado por dois eixos principais. O primeiro eixo se refere ao papel formal desempenhado pelo sistema educativo, incluindo a estrutura hierárquica, normas oficiais e regulamentos que consolidam a cultura institucional. Esse eixo formal é responsável por estabelecer diretrizes e práticas padronizadas que moldam o ambiente escolar de forma mais ampla. O segundo eixo, enfatiza as relações subjetivas e cotidianas que se desenvolvem no dia a dia da escola. Essas interações contribuem para a criação de uma cultura escolar particular e única, que pode variar de uma escola para outra.

Dessa forma, complementando, a cultura escolar, criada a partir desses dois eixos, se mostra como uma rede complexa que influencia as práticas, valores e normas dentro de cada instituição. A maneira como uma escola se organiza e se desenvolve culturalmente reflete, portanto, uma combinação de fatores institucionais e sociais, resultando em padrões que podem ser observados em diferentes estabelecimentos de ensino, como a organização da fila de entrada, o recreio, o lanche, entre outras.

A organização da rotina escolar, então, exige um planejamento detalhado do trabalho diário na escola. Esse planejamento faz parte de um conjunto de atividades que se repetem diariamente, ou com certa frequência e, é a maneira como o professor utiliza essa rotina que integra o presente no cotidiano escolar com base em diferentes aspectos. Os aspectos analisados envolvem a definição do período da rotina, a organização do tempo e dos espaços, o recreio, o projeto político-pedagógico e as atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula (Ferreira e Albuquerque, 2012).

Portanto, segundo as discussões de Ferreira e Albuquerque (2012) a organização da rotina escolar envolve essas decisões que afetam tanto a estrutura quanto a dinâmica do ambiente escolar. Primeiramente, ao definir o período de planejamento da rotina é necessário pensar se será organizado para uma semana, uma quinzena ou um mês. Considerando a distribuição do tempo e dos espaços na escola, é preciso avaliar a quantidade de dias de aula por semana, a duração das aulas diárias e os espaços que podem ser utilizados além da sala de aula. A organização do recreio também é fundamental, envolvendo a definição do espaço, do horário e da duração dessa pausa. Além disso, o projeto político-pedagógico da escola deve orientar a escolha das áreas de conhecimento a serem trabalhadas, determinando quanto tempo será dedicado a cada área e como elas serão abordadas de maneira integrada e eficiente. Finalmente, é essencial planejar os tipos de atividades que serão desenvolvidas dentro e fora da sala de aula, garantindo que essas experiências sejam alinhadas aos objetivos educacionais propostos pela escola.

Porém, Ferreira e Albuquerque (2012) apresentam o termo "rotina" como visto muitas vezes de forma negativa por estar associado a atividades repetitivas e desgastantes, realizadas sem reflexão ou propósito claro. Durante as décadas de 1960 e 1970, no Brasil, segundo as autoras, a rotina escolar era geralmente

entendida como um planejamento rígido, que dividia o conteúdo em pequenas doses diárias, a serem seguidas à risca, independentemente de imprevistos ou do andamento do processo de ensino. Essa abordagem estava enraizada em uma concepção de ensino centrada na memorização, influenciada pelo positivismo, que aplicava métodos das ciências experimentais às relações sociais. Como resultado, a escola adotou modelos pedagógicos baseados na psicologia behaviorista e no tecnicismo, que viam o ensino como um processo controlado, mensurável e previsível, focado no "depósito" de conteúdos no aluno.

A ideia central da pesquisa de Chizzotti e Bochi (2016) apresenta a rotina da escola envolto ao calendário escolar, sendo este, fundamental para organizar o dia a dia da escola, impactando a vida de todos envolvidos. A organização administrativa de cada atividade, com tempo definido, mostra-se necessária para gerir cada ação. Além disso, observa-se que a administração do tempo escolar segue um modelo taylorista, com uma estrutura mecânica e repetitiva, dividida em aulas e tarefas. Essa organização influencia intensamente as interações e experiências dos alunos e professores, podendo gerar tanto momentos construtivos quanto frustrantes ao longo do tempo.

Contudo, na década de 80, a partir da popularização da teoria construtivista esse cenário mudou, as práticas pedagógicas que seguiam rotinas preestabelecidas foram amplamente criticadas. Porém, como as autoras relatam como interpretação desviada do construtivismo, muitos educadores passaram a rejeitar o planejamento e a organização do trabalho pedagógico, considerando-os ultrapassados e tradicionais. Isso resultou em um excesso de improvisação, com a justificativa de que o ensino deveria se basear apenas no que os alunos traziam da sua realidade. Nesse contexto, o professor era visto como um mediador que não precisava planejar suas atividades, deixando-as surgir espontaneamente na dinâmica diária da sala de aula (Ferreira e Albuquerque, 2012).

Após esse desacerto, o planejamento escolar passou a ser valorizado como elemento essencial no contexto educacional, sendo analisado de maneira mais reflexiva sobre a prática. Dessa forma, reconhece-se que a rotina na escola, como apresentada, desempenha um papel fundamental na organização e no funcionamento do ambiente escolar, impactando diretamente a qualidade da educação e as experiências diárias de todos os envolvidos.

Segundo Chizzotti e Bochi (2016), a organização do tempo na escola, regulada pelo calendário escolar e a Matriz Curricular, vai além de apenas garantir o sucesso acadêmico, ela influencia toda a vida escolar, pressupõe a redivisão do ano, do mês, da semana, do dia, da hora, das férias e dos feriados. Assim, refletindo as transformações do tempo social, como apresentam os autores, seja no trabalho, no lazer e no tempo livre, no transporte, nos espaços e nos lugares sociais.

Tratando-se da vida escolar, a distribuição do tempo é dada, sobretudo, por documentos legais que definem cada momento da escola. Embora esses documentos, como a LDB, definem o tempo escolar de forma burocrática, muitas vezes esgotando seu significado, eles são essenciais para a regulação do trabalho e da vida escolar (Chizzotti e Bochi, 2016).

A imposição das regras do calendário escolar destaca a autoridade do diploma legal na gestão de todos os aspectos da vida escolar, sendo adotado como a principal ferramenta para regulamentar e orientar a rotina e as atividades no ambiente educacional. Além do mais, o acompanhamento do tempo na escola revela tanto a necessidade quanto às limitações de criar um ambiente de trabalho mais significativo. No entanto, a rotina acaba se limitando ao cumprimento das exigências legais, prejudicando o convívio e a comunicação entre os docentes. O foco na hora-aula, rigidamente prescrita, reduz as oportunidades de diálogo e reflexão, levando ao isolamento e comprometendo o significado existencial dos momentos vividos no ambiente escolar (Chizzotti e Bochi, 2016).

Diante desse cenário, é evidente que a organização do tempo escolar, embora essencial para a estruturação e o funcionamento da escola, pode se tornar um fator limitante quando se restringe ao cumprimento de exigências legais e burocráticas. A rigidez do calendário e da matriz curricular, ao invés de enriquecer a experiência escolar, muitas vezes acaba por esgotar seu significado, prejudicando a interação e o diálogo entre os docentes e alunos. Para que a escola funcione diante dessa organização, se faz necessário repensar a distribuição do tempo de modo a valorizar não apenas o cumprimento das obrigações, mas também o convívio, a reflexão e o desenvolvimento de relações mais significativas no ambiente educacional.

5.5 A Recreação na Escola Como Parte do Turno Inverso

Neste tópico, busca-se inicialmente compreender o conceito de período integral na escola, essencial para contextualizar o turno inverso, momento em que ocorrem atividades recreativas. Visto que, o turno inverso, é a parte do dia em que os estudantes permanecem na escola para participar de atividades que complementam o aprendizado.

Com base nos escritos de Parente (2021), o tempo integral pode ser entendido como um período escolar ampliado, que visa oferecer uma formação mais abrangente para crianças, adolescentes e jovens em idade de escolarização obrigatória. A expressão "educação integral no período integral" reflete a intenção de proporcionar uma educação que vá além do conteúdo acadêmico, promovendo a formação mais completa possível.

Sendo a educação integral concebida como aquela que busca atingir a integralidade da formação humana, como a escola encarrega-se da formação da criança em todas as dimensões da sua vida?

Sobre isso, Parente (2021) explora as funções sociais da escola, refletindo sobre como essas funções orientam a implementação da educação integral. A escola, como uma instituição social, está profundamente ligada aos objetivos de cada sociedade, cultura e período histórico. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 1996, apud PARENTE, 2021, p.103), a escola deve cumprir seu papel social de "desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores." Assim, a educação integral busca promover uma formação que abranja todas as dimensões do desenvolvimento humano.

Do ponto de vista político-pedagógico e social, segundo Parente (2021), as decisões políticas sobre a educação integral devem considerar um contexto mais amplo, que vai além da escola. Essas políticas frequentemente ultrapassam os limites das políticas educacionais, interagindo com outros setores sociais e expandindo a ação do Estado. Visto que a educação é uma responsabilidade compartilhada entre o Estado, a família e a sociedade, é importante reconhecer os limites do que o Estado deve oferecer na escola e no currículo escolar. Arroyo (2012, apud PARENTE, 2021) destaca que muitos programas atuais são respostas públicas

a demandas sociais por uma educação mais digna, que exige mais tempo, espaço, saberes, artes e diversidade de profissionais para uma formação humana integral.

Dessa forma, o período integral, ofertado além das quatro horas escolares obrigatórias, torna-se um espaço para as mais diferentes manifestações dos estudantes participarem de atividades com um cunho mais lúdico e em áreas diversas. Portela e Nóbile (2020) complementam que, esse período não deve ser visto apenas como uma extensão da carga horária, nem utilizado para repetir o conteúdo ou servir como reforço escolar. Ao contrário, esse espaço deve ser dedicado a aprendizagens lúdicas, explorando áreas que muitas vezes os estudantes não têm oportunidade de acessar, como esportes, cultura, arte, entre outras, as quais contribuem para o desenvolvimento das suas diversas potencialidades.

Segundo Portela e Nóbile (2020), a aprendizagem não se restringe ao ambiente formal da sala de aula, mas também ocorre de forma lúdica, no brincar, no lazer, na exploração e na troca de experiências, todas fontes valiosas de desenvolvimento físico, psicológico, social e neurológico, muitas vezes negligenciadas por falta de estímulos e oportunidades. Dessa forma, as atividades complementares no turno inverso são fundamentais nesse processo, pois permitem que os estudantes descubram e ampliem suas potencialidades, identificando suas maiores aptidões. Além do mais, essas experiências oferecem benefícios duradouros, além de contribuir para a permanência dos alunos na escola, proporcionando uma aprendizagem significativa e envolvente.

As autoras acrescentam que promover a educação em todos os seus aspectos, dando acesso a todos os jovens e transformando o processo educacional como um todo, exige, no entanto, a consulta ao principal protagonista desse sistema: o estudante. Portanto, é de extrema importância investigar a preferência das atividades por eles. As atividades proporcionadas só terão resultados satisfatórios se as atividades despertarem a atenção dos estudantes, e de fato os envolver, fazendo com que se sintam motivados a participar.

As observações feitas por Portela e Nóbile (2020) sobre as atividades no turno inverso vão de encontro com as discussões de Cavallari e Zacarias (2018) sobre a recreação. As autoras enfatizam que é crucial que os estudantes estejam engajados e possam exercer voz ativa na escolha dos projetos dos quais serão

beneficiados. Assim, o interesse e a participação ativa dos alunos são fundamentais para que o período integral alcance seus objetivos de forma eficaz.

A ampliação da jornada escolar é essencial para promover uma formação integral dos estudantes, permitindo uma variedade de arranjos e modelos educativos que os gestores podem adotar. Essa expansão oferece a oportunidade de desenvolver práticas educativas inovadoras e inclusivas com atividades realizadas em diversos espaços da escola. No entanto, é crucial que essa organização esteja prevista no Projeto Político Pedagógico da escola e que o planejamento seja integrado e intencional, envolvendo toda a equipe com estratégias pedagógicas claras (Portela e Nóbile, 2020).

Por fim, as atividades devem estar centradas nas necessidades e preferências dos estudantes, pois a motivação é fundamental para o desempenho e o envolvimento dos alunos. É por meio da prática de atividades que os estudantes gostam que eles têm a oportunidade de cultivar seu conhecimento e explorar um mundo de possibilidades. Para se tornar um verdadeiro descobridor de seu próprio conhecimento, o aluno precisa de oportunidades concretas, o que acontece através da participação em atividades práticas, da interação com outros estudantes e do aprendizado em diferentes espaços educacionais (Portela e Nóbile, 2020).

6 DISCUSSÃO

O objetivo desse tópico é apresentar alguns apontamentos teóricos junto a metodologia indutiva para provocar um debate sobre como a recreação se incorpora nos parâmetros escolares.

Para conceituar o que é o método indutivo, Bacon (1973) refere ao que ele propõe como uma abordagem adequada para a descoberta e demonstração das ciências e das artes. O autor acredita que a indução deve ser utilizada não apenas para descobrir verdades científicas (axiomas), mas também para definir conceitos e noções fundamentais. Ele propõe que a observação empírica baseada na experiência sensorial direta leve à formulação de teorias científicas. Dessa forma, Bacon (1973) vê a indução como o caminho mais seguro para obter conhecimento verdadeiro.

Dentre os métodos científicos discutido por Bastos e Keller (2002, p. 85) o método indutivo é apresentado como:

[...] parte da enumeração de experiência ou casos particulares, para chegar a conclusões de ordem universal; inclui quatro etapas: observação, hipótese, experimentação e a constatação de que a hipótese levantada, para explicar o fato observado, é confirmada pela experimentação e transformada em teoria ou lei.

Dessa forma, a indução é um processo mental que envolve chegar a uma conclusão geral ou universal com base em dados específicos e bem observados. Ao usar a indução, parte-se de casos particulares e constatados para deduzir uma verdade mais ampla que não está diretamente contida nos exemplos individuais analisados. Assim, a finalidade dos argumentos indutivos é alcançar conclusões cujo alcance é muito maior do que o das premissas utilizadas para chegar a elas.

No entanto, Marconi e Lakatos (2022, p. 45) afirmam que,

Uma característica que não pode deixar de ser assinalada é que o argumento indutivo, da mesma forma que o dedutivo, fundamenta-se em premissas. Contudo, se nos dedutivos, premissas verdadeiras levam inevitavelmente a uma conclusão verdadeira, nos indutivos elas conduzem apenas a conclusões prováveis.

Diante disso, para desenvolver a discussão apresentada, utilizei o método indutivo como abordagem principal. Essa metodologia não só oferece uma base sólida para as afirmações discutidas, mas também assegura que as conclusões sejam derivadas de experiências fornecendo uma análise mais fundamentada do tema em questão.

Nesta discussão, utilizo como referência experiências que tive exercendo a função de recreadora com crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, oferecido aos alunos que participam do período integral de uma escola particular em Rio Claro, onde trabalhei entre os anos de 2021 a 2024. As atividades envolviam práticas lúdicas que englobam aspectos físicos, intelectuais, artísticos e de integração social.

As crianças que participavam da recreação no período da manhã realizavam as atividades pedagógicas à tarde, enquanto aquelas que tinham o período pedagógico pela manhã se envolviam nas atividades recreativas à tarde. Apesar dessas práticas não terem como foco atingir objetivos específicos, mas sim promover o bem-estar, sendo desvinculadas de compromissos estritamente culturais ou formativos, ela se revela uma parte fundamental do processo educacional, complementando o aprendizado.

Como apresentado nos referenciais teóricos do lazer como parte da recreação na escola, Marcellino (1987) aponta que nesse momento há sim a possibilidade de desenvolver capacidades físicas, mentais e sociais. Assim como Takatsu (2015) afirma que, o lazer, ao estimular prazer, criatividade e exploração, promove a internalização ativa do conhecimento, enquanto o ensino lúdico engaja os alunos em atividades que despertam curiosidade e desenvolvem habilidades teóricas, práticas e sociais.

As atividades recreativas abrangiam todos os espaços da escola, tanto internos quanto externos, como salas de aula, pátio, parque e brinquedoteca. A interação com os objetos era fundamental para essas atividades, utilizando uma diversidade de materiais para explorar cores, dimensões, formas e texturas. Os alunos eram incentivados a estabelecer relações com os objetos, o ambiente e as pessoas ao seu redor, enriquecendo assim suas brincadeiras. A dimensão social também era amplamente explorada, durante as atividades, buscava-se promover o respeito mútuo e a colaboração entre as crianças, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades sociais e interpessoais.

Um ponto que se destacava quando a turma de recreação era mista com a diversidade de idades, era a oportunidade valiosa para o desenvolvimento de competências e capacidades variadas. Alunos mais velhos podem compartilhar seus conhecimentos e habilidades com os mais novos, promovendo um ambiente de aprendizado colaborativo.

Apesar de Cavallari e Zacarias (2018) apontarem que grupo heterogêneo na recreação pode tornar uma dificuldade por buscarem situações de recreação diferentes. Na prática demonstrava ser enriquecedor que as crianças convivassem não apenas com outras da mesma idade, mas também com pares de idades diferentes e de ambos os sexos, promovendo um ambiente inclusivo e participativo. Essa interação entre grupos etários e de gênero variados na recreação favorece o desenvolvimento social, a empatia e o respeito mútuo, criando um ambiente onde todos têm a oportunidade de participar e se integrar.

Além do resgate de brincadeiras culturais e folclóricas, como cantigas de roda e brincadeiras de rua, também era incentivado a criação de novas brincadeiras. Buscava proporcionar constantemente atividades inovadoras para estimular e envolver as crianças, promovendo um ambiente dinâmico e divertido. Essas atividades não apenas resgatam tradições, mas também incorporaram elementos modernos e criativos, garantindo que cada momento na recreação fosse enriquecedor e atraente para os alunos.

Sobre o incentivo da criação que eu buscava proporcionar, Cavallari e Zacarias (2018) confirmam que o momento da prática da recreação é propício para isso. Pois, por não exigir cobrança sobre a criança no modo da realização das atividades, torna-se um momento livre onde ela pode liberar a sua criatividade desprendida de exigências, engrandecendo a sua personalidade.

Na prática, não havia cobrança no modo de realização das atividades, porém, na participação, sim. Esse é um ponto que Cavallari e Zacarias (2018, p.17) discutem na sua pesquisa, alegando que “A recreação deve ser escolhida livremente e praticada espontaneamente, segundo os interesses de cada um”. Porém houve diversos momentos em que percebi que algumas crianças não demonstravam interesse ou disposição para participar de determinadas atividades, muitas vezes por estarem cansadas ou simplesmente porque a atividade não correspondia aos seus gostos pessoais. Nesses casos, nossa orientação era incentivar a participação ao máximo, buscando compreender as razões por trás da recusa, promovendo o diálogo. No entanto, havia momentos que exigiam maior rigidez, como o horário destinado à lição de casa, que era obrigatório. Esse período precisava ser cumprido pontualmente, a fim de garantir que o restante da rotina escolar não fosse comprometido, mantendo a organização e o fluxo das atividades diárias.

Cavallari e Zacarias (2018, p.17) complementam,

Cada pessoa terá oportunidade de opção quanto àquilo que pretende fazer em função de sua recreação e, se preferir, ainda optar por não tê-la naquele ou em qualquer outro momento. Uma pessoa não pode forçar outra à prática da recreação; pode apenas sugerir ou motivar. Ninguém recreia ninguém. Os profissionais de recreação apenas criam circunstâncias propícias para que cada pessoa SE recreie.

No entanto, na rotina da escola, não havia tempo livre para as crianças, pois todas as horas eram preenchidas com atividades planejadas para o turno inverso. Cada momento do dia era estruturado com atividades cuidadosamente organizadas para garantir que os alunos estivessem engajados e envolvidos o tempo todo. Desde as lições de casa até os projetos recreativos, todo o período era destinado a participação em atividades, sem espaço para momentos ociosos. Essa abordagem estruturada fazia parte da organização da escola, com a formulação de planejamentos semanais, como é possível verificar na imagem a seguir.

Figura 1 – Ilustração do trecho de um planejamento para a turma da recreação do período da manhã

Segunda – Feira:

8:00 – 8:50 Atividade direcionada com todos: **A tempestade**: todos estão num barco em pleno mar. A pessoa que está no centro será o comandante. Em dado momento o comandante dirá: três ondas nos empurram para a direita. Todos pulam 3 cadeiras a direita. Uma onda nos empurra para a esquerda e todos vão uma cadeira para a esquerda. Uma onda nos empurra para frente, todos devem levantar e sentar rapidamente. Se gritar tempestade, todos trocam de lugar inclusive o comandante. Quem sobrar será o novo comandante.

8:50 – 9:10 Lanche;

9:10 – 10:30 Atividade direcionada na quadra com todos: **Basquete Humano**: os jogadores devem se dividir em duas equipes, uma equipe começa com uma bola para cada jogador e a outra equipe com um bambolê em volta do corpo de cada jogador. Os jogadores que estão com a bola devem acertar qualquer uma das cestas humanas e, os jogadores que são as cestas devem fugir, dificultando assim que a outra equipe faça ponto. Após um tempo a função das equipes serão trocados.

10:30 – 11:30 Atividade direcionada na quadra com todos: **Paredão**: os jogadores deverão estar posicionados na parede, um jogador deverá estar atrás de uma linha e tentará queima-los com uma bola, quem for queimo passar a queimar junto, vence o ultimo que não for queimo ;

11:30 – 12:00 Almoço;

12:00 – 12:30 Caixa na Quadra;

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022

Um dos desafios diários era garantir que a recreação seguisse esse planejamento estruturado e organizado delegado pela escola. Com uma semana de antecedência, eu elaborava um planejamento detalhado, no qual cada atividade era cuidadosamente planejada e distribuída ao longo dos dias, com horários definidos de forma minuciosa. Essa antecipação tinha como intuito que tudo fluísse de

maneira coordenada e eficiente. No entanto, imprevistos, como chuvas que impediam o uso do espaço externo, também eram considerados. Para esses casos, o planejamento incluía um plano B, garantindo que todas as atividades tivessem uma alternativa viável, sem comprometer o envolvimento e o aproveitamento dos alunos.

Sobre isso, Pereira (2011) aponta em seus escritos que as escolas têm dado preferência a rotinas rígidas e estruturadas. E que, ao adotar um modelo centrado no controle e na previsibilidade, tende a restringir a flexibilidade, limitando a ocorrência de situações imprevistas e espontâneas e limitando a capacidade dos alunos de lidar com o inesperado, um aspecto essencial para a vida fora do ambiente escolar.

Considerando que as crianças passavam cerca de 12 horas na escola diariamente, era essencial garantir que cada momento da recreação fosse não apenas produtivo, mas também prazeroso. Compartilho que criar um ambiente divertido e estimulante diariamente era o maior desafio na rotina, por ser fundamental manter o engajamento dos alunos e proporcionar um equilíbrio saudável entre atividades acadêmicas e momentos de lazer, tornando a experiência escolar mais agradável.

Portanto, o maior objetivo era utilizar a recreação para tornar o ambiente escolar mais acolhedor e agradável, especialmente por ser uma instituição que funciona em tempo integral. Ao proporcionar momentos de lazer e descontração, a escola busca criar um espaço onde as crianças sintam prazer em estar. Isso é particularmente relevante considerando que, como já mencionado, as crianças passam grande parte do dia na escola e, em alguns casos, manifestam cansaço ou até mesmo saudade de casa. Nesse ponto, a recreação, portanto, oferece uma pausa revigorante na jornada escolar, ajudando a amenizar a sensação de afastamento do lar e promovendo um ambiente mais feliz e reconfortante.

Como apresenta Cavallari e Zacarias (2018, p.17), a recreação tem caráter hedonístico, além de: “A prática da recreação busca levar o praticante a estados psicológicos positivos”.

Diante disso, acredito que seja fundamental que todas as atividades sejam pensadas com significado, proporcionando experiências que não apenas estimulem o aprendizado, mas também permitam que as crianças vivam com felicidade e prazer no período que estão na escola, pois é onde elas passam metade do seu dia.

Figura 2 – Crianças da recreação na brinquedoteca da escola



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Para garantir que cada momento da recreação fosse prazeroso, o ambiente desempenha um papel fundamental em atender às necessidades dos professores no planejamento das atividades e aos interesses dos alunos. Um ambiente adequado deve cativar e envolver os alunos, despertando seu interesse e atraindo-os para a participação ativa. Deve criar vínculos afetivos, respeitar as individualidades e promover o desenvolvimento.

Esse ambiente deve proporcionar possibilidades para descobertas, criatividade e participação, permitindo que os alunos se sintam ouvidos e envolvidos na elaboração das atividades. Um espaço que respeite e desenvolva essas dimensões é essencial para oferecer uma experiência educacional e recreativa enriquecedora e significativa.

Figura 3 – Crianças da recreação brincando no tanque de areia da escola



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Como já apontado anteriormente, Portela e Nóbile (2020) atestam que as atividades devem ser adaptadas às necessidades e preferências dos alunos, pois a motivação é essencial para o engajamento e o bom desempenho. Quando os estudantes se envolvem em atividades que apreciam, eles têm a chance de expandir seu conhecimento e explorar novas possibilidades. Portanto, é crucial oferecer oportunidades concretas, o que pode ser alcançado por meio de atividades práticas, interação com colegas e a utilização de diferentes ambientes educacionais.

O espaço físico também deve ser considerado diretamente no bem-estar, quando a escola disponibiliza diferentes espaços como salas próprias para os alunos do turno inverso, além da brinquedoteca, sala com televisão, pátio, parque e espaços ao ar livre, permite a diversificação de atividades, proporcionando experiências de aprendizado mais ricas e integradas. Assim, o espaço físico contribui de maneira significativa para o recreador construir atividades em um ambiente de ensino que seja dinâmico, inclusivo e propício ao desenvolvimento da recreação.

As imagens a seguir ilustram como esses diferentes espaços contribuem para a realização das diversas atividades planejadas.

Figura 4 – Crianças da recreação na sala destinada à atividades artísticas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2022

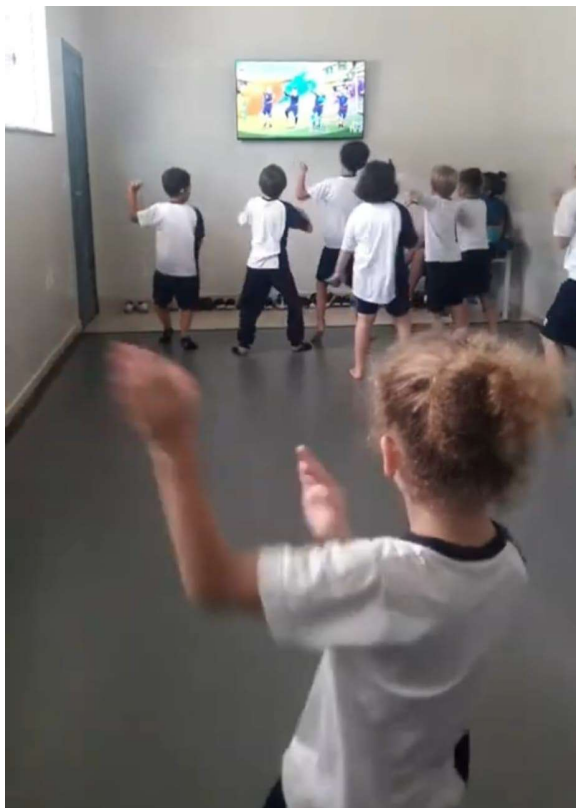
Figura 5 – Crianças da recreação na sala destinadas às “lições de casa”



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Música e dança também eram usadas como ferramentas para as atividades na recreação. Através da música, as crianças podiam explorar sons, ritmos e melodias, estimulando sua criatividade e habilidades auditivas. A dança, por sua vez, proporciona a oportunidade de expressar-se corporalmente, melhorando a coordenação motora, a consciência corporal e a socialização. Além disso, essas atividades promovem um ambiente descontraído, facilitando a interação entre os alunos e contribuindo para um clima escolar mais positivo.

Figura 6 – Crianças da recreação na sala destinada à atividades com música e movimentos



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Também eram elaboradas atividades que envolviam o desenvolvimento do raciocínio lógico. Essas atividades tinham como objetivo estimular as habilidades cognitivas das crianças, como resolução de problemas, pensamento crítico e tomada de decisões. Por meio de jogos, quebra-cabeças, desafios matemáticos e outras dinâmicas, as crianças eram incentivadas a pensar de maneira estruturada e a buscar soluções criativas para diferentes situações.

Figura 7 – Crianças da recreação participando de um jogo de desafio



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

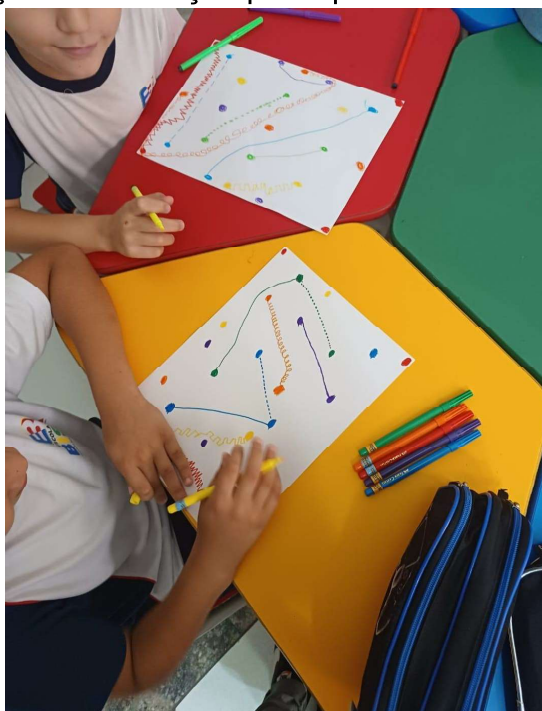
Figura 8 – Crianças da recreação participando de um jogo de desafio



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

As atividades artísticas também desempenhavam um papel fundamental no cotidiano da recreação. Elas proporcionam às crianças a oportunidade de explorar sua criatividade e expressar suas emoções de maneira livre e espontânea. Através do desenho, pintura, modelagem com massinha, e outras formas de arte, as crianças podiam experimentar diferentes materiais e técnicas, desenvolvendo suas habilidades motoras finas e coordenação.

Figura 9 – Crianças da recreação participando de uma atividade artística



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Figura 10 – Criança da recreação se expressando por meio de pinturas na parede



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Além desses momentos em que as crianças podiam se expressar, o cotidiano da recreação também incluía atividades lúdicas, como brincar de "casinha", competições divertidas como "torta na cara" e o resgate de brincadeiras tradicionais, como "pular corda". Brincar de "casinha" permite que as crianças explorem papéis sociais e desenvolvam a imaginação, enquanto as competições como "torta na cara" trazem um clima de diversão e descontração, incentivando a socialização e o espírito esportivo. Já as brincadeiras antigas, como "pular corda", não só promovem a atividade física, mas também conectam as crianças a tradições e experiências passadas, reforçando a importância da cultura infantil.

Figura 11 – Crianças da recreação brincando de “casinha”



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Figura 12 – Crianças da recreação participando de uma competição de “torta na cara”



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Figura 13 – Crianças da recreação brincando de pular corda



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Além das atividades lúdicas, também realizávamos atividades com experimentos científicos e culinários. Os experimentos científicos eram uma forma de despertar a curiosidade e incentivar a investigação entre as crianças. As atividades culinárias, por outro lado, eram momentos de interação e aprendizado sobre alimentação, medidas e higiene. Ao envolverem-se no preparo de receitas simples, as crianças podiam explorar diferentes sabores, texturas e desenvolver habilidades motoras, tudo isso enquanto se divertiam e experimentavam novos conhecimentos.

Figura 14 – Crianças da recreação participando de uma atividade com experimento científico



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

Figura 15 – Crianças da recreação participando de uma atividade culinária



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023

O uso de jogos de equipe, circuitos de obstáculos e atividades sensoriais também faziam parte do cotidiano da recreação, era uma forma eficaz de manter os alunos engajados naquele período da escola. Eram atividades onde os alunos demonstravam gostar bastante, principalmente por serem desafiados. A cada circuito procurávamos diversificar os elementos buscando instigar os alunos, oferecendo um ambiente desafiador, no qual as crianças podiam explorar suas capacidades físicas, mentais e sociais. A criatividade do recreador buscando variar a cada vez que os circuitos estavam planejados na rotina, é essencial, pois torna cada experiência única e os alunos demonstram querer se superar em cada etapa.

Figura 16 – Circuito de obstáculos planejado para a turma da recreação



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Figura 17 – Circuito sensorial planejado para a turma da recreação



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Quando se tem a intenção de promover o bem estar na escola com as crianças que participam da recreação, a variedade de atividades, incluindo música,

dança, arte, brincadeiras lúdicas, experimentos científicos e culinária, é fundamental. Por mais que essa não seja a principal intenção, cada atividade traz uma oportunidade única de aprendizagem, estimulando diferentes áreas do conhecimento e habilidades. Acredito que o apogeu da recreação são as atividades físicas, a inclusão de brincadeiras como queimada, pega-pega, ou qualquer outra que inclua movimento, é especialmente importante por ser o momento que nitidamente eles despejam toda a sua alegria de ser criança.

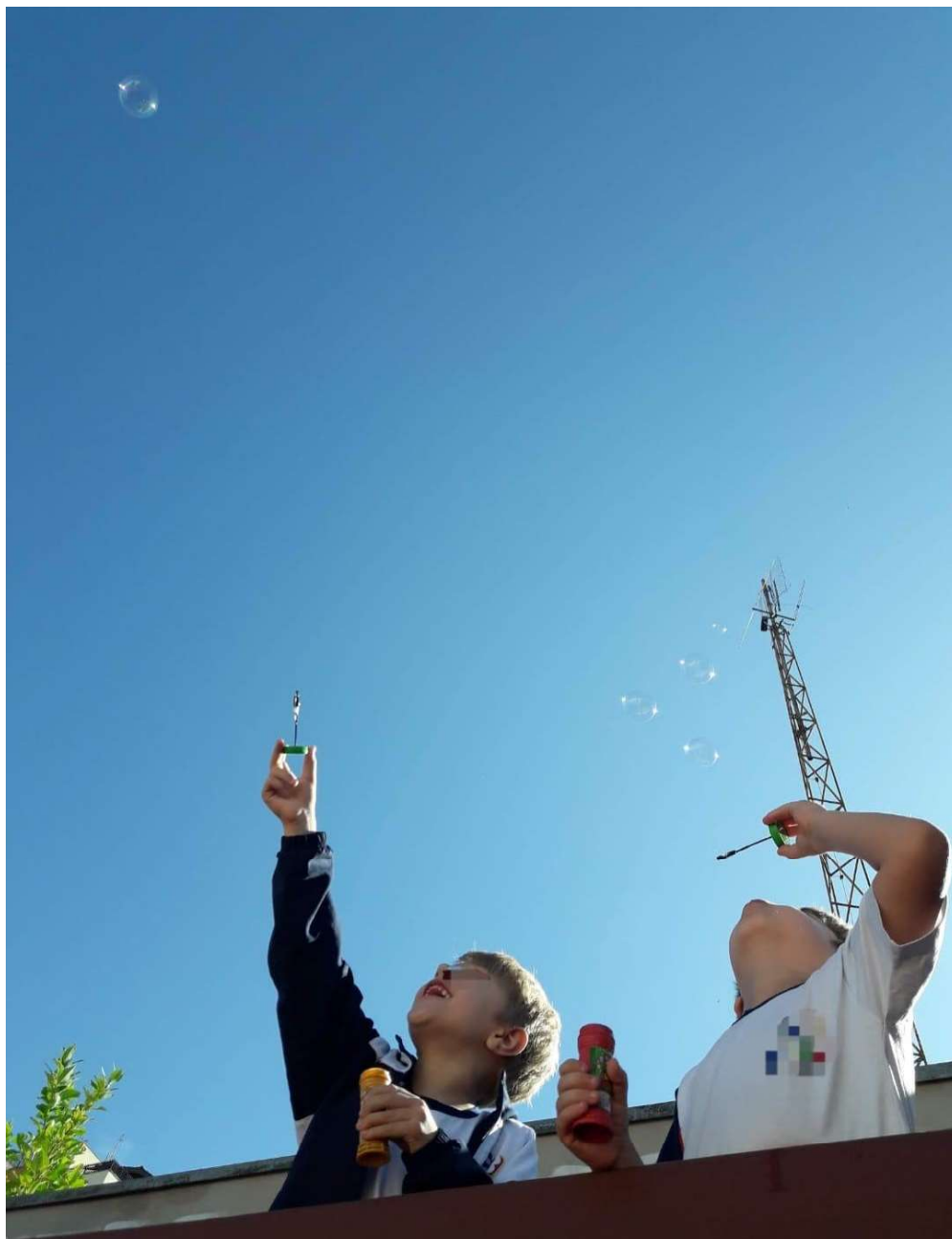
Figura 18 – Crianças da recreação participando de uma brincadeira na quadra



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

A felicidade da criança na escola é fundamental para seu bem-estar e desenvolvimento saudável. Quando a escola é um ambiente acolhedor e repleto de experiências positivas, ela se torna um espaço onde a criança pode explorar, aprender e crescer com felicidade.

Figura 19 – Crianças da recreação brincando com bolha de sabão



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Assim como uma bolha de sabão que se forma, cresce e se desprende, a criança que se sente feliz e segura na escola desenvolve-se emocionalmente e cognitivamente, adquirindo as habilidades necessárias para enfrentar o mundo. Essa felicidade cria um alicerce para que ela se sinta capaz de explorar novos horizontes, de se aventurar além dos limites conhecidos, com a mesma leveza e liberdade de uma bolha que sobe ao céu, cheia de cor e possibilidades.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que a rotina escolar é planejada para minimizar falhas, levando a uma intensa sistematização e padronização. Nessa lógica, todas as atividades executadas na escola são medidas e cronometradas. Em contraste, a recreação deve ser uma escolha livre, praticada de forma espontânea e alinhada aos interesses individuais, incluindo a liberdade de não participar. Na recreação, a pessoa escolhe deliberadamente atividades que satisfazem seus desejos de lazer, buscando experiências lúdicas, como diversão e entretenimento.

A análise indica que a escola de período integral, que incorpora a recreação na sua rotina, busca oferecer uma variedade de atividades que promovem o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, mesmo que essa não seja a finalidade principal sobre recrear. Ao se tratar de recreação, é crucial que essas vivências não sejam forçadas, apenas estimuladas. Há, porém, uma visão funcionalista desse tempo extra na escola, que pode ser interpretada como uma forma de legitimar o sistema capitalista, ao transformar a recreação em mais uma etapa do processo de padronização.

Diante de todas as experiências trazidas para este trabalho e toda a reflexão de como a recreação se incorpora nos parâmetros escolares e se desenvolve integrada na rotina escolar, é imprescindível que ela seja planejada com cuidado e empatia pelos recreadores. A criança que passa a maior parte do dia na escola merece uma atenção especial, considerando que está longe do conforto de casa, realiza suas refeições fora do ambiente familiar e só tem a chance de rever seus pais ou familiares à noite. Quando o recreador é criativo e planeja as brincadeiras, atividades e ambientes pensando no bem-estar da criança, ele pode tornar o período mais atraente e confortável para ela. Assim como, a criação de espaços acolhedores e estimulantes onde as crianças se sintam seguras para escolher o seu recrear e desfrutem das atividades realizadas. Além do mais, respeitá-las quando não querem participar das atividades.

Na escola, as crianças estabelecem laços importantes, descobrem novas experiências, compartilham conquistas e enfrentam desafios, vivenciando uma variedade de atividades e interações que são essenciais para seu crescimento. A recreação, portanto, vai além de simplesmente preencher o período integral adotado pelas escolas, ela se configura como um meio crucial para promover uma vivência

escolar mais rica e satisfatória, contribuindo significativamente para o desenvolvimento das crianças e para uma experiência mais prazerosa e gratificante em sua vida.

A importância de ser feliz e ter prazer na vida não pode ser subestimada, pois está diretamente ligada ao nosso bem-estar e qualidade de vida. A felicidade não é apenas um estado emocional desejável, mas um indicativo de que estamos alinhados com nossos valores e vivendo de acordo com nossas paixões. Sentir prazer nas pequenas coisas do cotidiano nos proporciona uma sensação de realização e satisfação, essencial para manter a saúde mental e emocional. Além disso, a felicidade e o prazer geram uma energia positiva que influencia nossas relações interpessoais, nossa produtividade e nossa capacidade de enfrentar desafios. Em última análise, cultivar a alegria e o prazer através das atividades da recreação infantil no contexto escolar contribui para que cada momento seja especial na vida da criança que participa.

REFERÊNCIAS

- BACON, Francis. *Novum Organum: ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*; Nova Atlântida. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- BASTOS, Cleverson Leite; KELLER, Vicente; MARTIM, Irineu; LENGRAUD, Paul. *Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica*. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 104 p.
- BRANCHER, V. R.; CHENET, N.; DE OLIVEIRA, V. F. O lúdico na aprendizagem infantil. *Revista Educação Especial*, [S. l.], n. 27, p. 133–139, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4358>. Acesso em: 24 set. 2023.
- CAVALLARI, Vania Maria. *Recreação no Ambiente Escolar*. In: _____. **Recreação em ação**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2011. p. 61 - 76.
- CAVALLARI, V. D.; ZACARIAS, V. *Trabalhando com recreação*. 14. ed. São Paulo: Ícone, 2018. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- CHIZZOTTI, A.; BOCCHI, R. M. B. O tempo da escola: organização, ampliação e qualificação do tempo do ensino escolar. *Revista Educação em Questão*, [S. l.], v. 54, n. 42, p. 65–89, 2016. DOI: 10.21680/1981-1802.2016v54n42ID10953. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/10953>. Acesso em: 1 set. 2024.
- DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schmitt. O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar. *Revista de divulgação técnico-científica do ICPG*, v. 1, n. 4, p. 107-112, 2004.
- FERREIRA, Andrea Tereza Brito; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. O cotidiano escolar: reflexões sobre a organização do trabalho pedagógico na sala de aula. In: ROSA, Ester Calland de S.; FERREIRA, Andréa Tereza B. **O fazer cotidiano na sala de aula - A organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna**. São Paulo: Grupo Autêntica, 2012. p. 13 - 30.
- GARCIA, José Gustavo Sampaio. *A couraça como currículo-oculto: um estudo da relação entre rotina escolar e o funcionamento encorajado*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.minedu.gob.pe/handle/20.500.12799/1736>. Acesso em: 2023-10-14.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e Educação*. Campinas: Papirus, 1987.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. Metodologia Científica. Rio de Janeiro: Grupo GEN, 2022. E-book. ISBN 9786559770670. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786559770670/>. Acesso em: 10 set. 2024.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde Pública, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

PARENTE, C. M. D. Políticas de Educação Integral em Tempo Integral: possibilidades e alternativas. In: PARENTE, C. M. D. (org.) **Políticas públicas para a educação básica: avanços, desafios e perspectivas**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. p. 97-123. DOI: <https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-117-1.p.97-123>

PEREIRA, Edson Scardovelli. Recreação na Educação Infantil. In: CAVALLARI, Vania Maria (Org.). **Recreação em ação**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2011. p. 36 - 60.

PORTELA, P.; NÓBILE, M. F. Atendimento integral no ensino fundamental: contribuição para uma política pública no município de Farroupilha/RS. Revista Cocar, [S. l.], v. 14, n. 30, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2914>. Acesso em: 10 set. 2024.

TAKATSU, Mayra M. Jogos de Recreação. São Paulo: Cengage Learning Brasil, 2015. E-book. ISBN 9788522122486. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522122486/>. Acesso em: 11 ago. 2024.